



SUPERIOR GERAL DOS CARMELITAS DESCALÇOS  
Corso d'Italia, 38  
00198 Roma – Italia

**CARTA A TODA A ORDEM NA FESTA DE SÃO JOÃO DA CRUZ  
14 DE DEZEMBRO DE 2021**

Queridos irmãos e irmãs da grande família do Carmelo teresiano:

Para mim, é motivo de muita gratidão dirigir-me a vocês nestes dias tão especiais do Advento, a caminho para Belém, na expectativa da Vida que é tecida nas entranhas de Maria, no seio da história de nossos dias e em cada um de nós. Estando também próxima a festa de São João da Cruz, queria fazer junto a vocês uma dupla reflexão: em primeiro lugar, gostaria de compartilhar o que estão sendo estes primeiros meses como Geral, oferecendo-lhes algumas claves que iluminam meu caminho e, espero, possam acompanhar também o de vocês; em segundo lugar, ofereço-lhes uma reflexão sobre algumas claves da vida de nosso Santo Padre lidas em perspectiva sinodal. São apenas algumas notas que gostaria que estimulassem nosso caminhar ao ritmo da Igreja neste momento histórico.

**A CAMINHO**

Passaram-se três meses desde nosso Capítulo Geral, que foi um momento de reflexão e de encontro fraterno, em abertura ao Espírito. Um Capítulo sempre recorda e traz à luz a urgência de trabalhar em comunhão, em colaboração, a serviço da Ordem e da Igreja. Agradeço ao Padre Saverio o seu desvelo, sua entrega e a sabedoria de seu serviço como Geral, como irmão mais velho, junto com toda a sua equipe de governo; e, com ele, o trabalho e dedicação de todos os superiores locais, provinciais etc. Agradeço também os mosteiros, federações, associações e conselhos das monjas e da Ordem Secular. Obrigado a todos por sua entrega e perseverança em servir para buscar desinteressadamente o bem.

Passados os primeiros momentos de adaptação, aprendizagem e conhecimento, o temor inicial pela sensação de pequenez diante da tarefa encomendada vai dando espaço, pouco a pouco, à confiança que se deixa conduzir e ensinar: *“Faz o que está em teu poder e deixa-me agir”* (Contas de consciência 13) – disse o Senhor à Santa. Estas palavras marcaram a intenção de meus primeiros passos.

Junto a essas palavras, que convidam a deixar ao Senhor o protagonismo, acompanhou meus primeiros meses de serviço como Geral – unido aos Definidores e aos irmãos da Cúria – uma

convicção profunda da força da comunhão de toda a Ordem. Isso me coloca diante da primeira necessidade que experimento como projeto para estes anos: a experiência do Deus vivo, sendo família unida; viver a Eucaristia, cuidando do sentido de comunhão na diversidade; empenhar-nos em custodiar o dom recebido, que é, em primeiro lugar, o da vocação compartilhada, como um presente inestimável, um tesouro de incalculável valor.

## QUATRO PALAVRAS PARA UM PRESENTE DESAFIADOR

Há quatro palavras que ardem dentro de mim nesta primeira hora do caminho, que lhes dou como presente, para que me ajudem a decliná-las e a caminhar à sua luz, ao sopro do Espírito, pela mão de Maria e de José. Proponha-as a vocês como reflexão para iluminar esta hora de nossa vida e de nossas comunidades:

- O impossível
- Magnificat
- Fecundidade do presente
- Êxodo obediente

1. Em muitas ocasiões e circunstâncias, o caminho se torna *impossível* para nós, como se estivéssemos diante de um *Goliás* que nos supera em tudo. A tentação é de nos render e fugir para outro lado; assaltam-nos o desânimo e a desolação, unidos a um cansaço existencial, anímico, físico, que, no entanto, não conseguem apagar a chama que arde em nós, como “pequena centelha” que recorda que não fomos nós que começamos tudo isso, mas que isso foi e é um desejo e sonho de Deus. Em meio a tanta luta, uma voz interior ressoa em cada um de nós: “Porque é impossível para ti, por isso é possível para Mim”. “Sê humilde. Pede ajuda, não te rendas”. Só descansamos na certeza desta voz: “Sou eu, não temas”. O impossível é o terreno privilegiado da experiência de Deus, do Carmelo. O melhor de nossa história aconteceu em circunstâncias “impossíveis”. Digo-o a vocês com uma grande convicção, animando-os a recuperar a força que nasce quando nossas forças e imaginação já não servem e só a confiança nos devolve o verdadeiro dinamismo do protagonismo de Deus.

2. O *Magnificat* de Maria é nossa escola de vida para este tempo. Maria é sempre garantia de fecundidade nos tempos mais difíceis. O *Magnificat* é a canção que revela a verdade de Deus em tempos de escuridão. No coração de Maria, pobre e humilde, escuta-se a verdade mais inquestionável da história, a vitória de Deus, sua salvação em meio a todas as catástrofes e injustiças. O coração livre e humilde de uma jovem de Nazaré, disponível e aberta à passagem de Deus, muda a história da humanidade de forma inaudita. Os poderosos não têm a última palavra. Os humildes reescrevem a história da salvação. **Qual é o *Magnificat* do Carmelo hoje? Qual é a canção que escutamos no profundo de nossa fragilidade e pequenez?** Refiro-me à canção que nenhum fracasso ou ferida

aberta consegue silenciar. Convido-os a viver este tempo como um *Magnificat* na escuta do desejo de Deus em nossa terra ferida.

3. Nossos místicos sempre cantaram a fidelidade de Deus no *tempo presente*. Nunca renegaram da *fecundidade* do Espírito Santo para gerar vida no agora, mesmo que parecesse arruinado. O Espírito – nossos Pais o sabem – é capaz de iluminar caminhos nos desertos e fazer de pessoas feridas verdadeiros curadores do próprio tempo. Os santos do Carmelo são mestres da perseverança cristã – da *resiliência*, diríamos hoje –: reciclam a vida desgastada e recompõem, “contra toda esperança”, no presépio da vida, o sonho de Deus, aquele que São José escutou e no qual acreditou na noite mais desconcertante de sua vida.

4. Em muitas partes do planeta assistimos a um êxodo forçado. O mundo está buscando sua casa, seu lugar. Estamos em uma época de trânsito para uma terra prometida. Alguns dizem que caminhamos para a destruição do planeta ou para o final dos tempos. Profetas de calamidades surgem nos tempos mais convulsos da história... como também os maiores santos. É certo que nossa terra está enferma, no corpo e na alma. Mas os aparentes finais são sempre tempos de “princípios não prognosticados”. Nós também – frades, monjas, leigos – estamos em um tempo de *êxodo obediente*. Não somos alheios a esta época da história, ainda que muitas vezes nos apeguemos à segurança “do Egito”, à “tranquilidade” do já conhecido. Não é tempo de proteger nossa comodidade; para Teresa, sempre era tempo de caminhar. Sem o risco de um sim audaz, não iluminaremos um Carmelo do futuro, vivo e crível. Não defendemos edifícios, não nos defendemos a nós mesmos, mas a uma experiência viva: em fé, esperança e caridade. **A que êxodo obediente estamos hoje chamados como comunidade e como carmelitas?**

### **JOÃO DA CRUZ EM CLAVE SINODAL**

- **O amor calado**
- **Maiêutica sanjuanista**
- **Amizade com algumas mulheres e leigos**
- **Protagonismo do Espírito Santo**

Em 14 de dezembro celebramos o 430º aniversário da morte de São João da Cruz: aquele momento de trânsito, no qual se rompeu a tela do encontro e se desvelou o mistério de amor vivido por ele na noite da vida. Toda a nossa vida aponta para esse momento decisivo. E tudo o que fazemos e vivemos se iluminará à luz desse mesmo momento que João da Cruz viveu pouco depois de ouvir os sinos da igreja *del Salvador*, que tocavam anunciando as matinas. Um dia também nós ouviremos os sinos que tocam para o nascimento definitivo. Toda a nossa vida é um Advento para gestar a vida verdadeira. Ao pensar em João da Cruz, ilumina-se sempre o sentido de nosso caminho hoje.

Nestes dias penso no caminho que a Igreja está percorrendo, convidando-nos à sinodalidade, a um processo de escuta mútua, de corresponsabilidade e de receptividade do novo, para deixar-nos iluminar e discernir. Dialogamos para compreender, não para convencer – dizia Bento XVI em seu último discurso como Papa, em 21 de dezembro de 2012.

### **1. O amor calado e a atenção amorosa**

João da Cruz foi escutando no coração de sua história o silêncio eloquente de Deus. Os acontecimentos adversos da vida – “a peregrinação da fome”, quando criança; o “cárcere de Toledo”; e o “desterro a La Peñuela” nos últimos meses – forjaram nele um fino escutador do calado amor de Deus, na contradição e na noite. João da Cruz aprende o calado amor e a atenção amorosa, deixando-se ferir e conduzir por Deus “mais adentro, na espessura”. Deixa-se penetrar pela verdade das coisas, das pessoas e de Deus, munido do idioma que Deus mais ouve, o “amor calado”. Primeira virtude de uma verdadeira sinodalidade: a atitude amorosa, como princípio que interpreta a vida a partir de uma empatia de cumplicidade, que descobre a Deus em seus silêncios, no mais profundo de si e em todo outro. João da Cruz é um descobridor de pérolas nas noites e nos depósitos de lixo do mundo.

### **2. Maiêutica sanjuanista**

Algumas vezes, quando uma pessoa dizia um verso, João da Cruz lhe pedia que o repetisse, para aprendê-lo de memória; e depois comentava aqueles versos aprendidos de outros. Uma vez perguntou ao Irmão Francisco: “*Irmão, que coisa será Deus?*” E este respondeu: “*Deus é o que ele quer ser*”. Esta resposta deu a Frei João motivo para comentar vários dias aquela tão original definição acerca da liberdade absoluta de Deus, que faz o que quer, para nosso proveito. Conhecidíssima também é a pergunta que faz a Francisca da Mãe de Deus: “*Irmã, em que está consistindo a oração nestes dias?*” Ela respondeu: “*Em contemplar a formosura de Deus e alegrar-me que a tenha*”. E desse diálogo resultaram as últimas cinco canções do Cântico B, especialmente a 36, sobre a formosura de Deus. Hoje em dia, esse estilo tão cordial de ensinar seria chamado por nós de “sinodal”, ou seja, saber aproveitar o diálogo, recolhendo o aprendido para ensinar os demais, fazendo com que, à força dessa pedagogia todos os irmãos sejam plenamente competentes nesse estilo pedagógico. Que nosso Pai São João da Cruz faça verdadeiramente competentes a todos os seus filhos.

### **3. Amizade com algumas mulheres e leigos**

João da Cruz cultivou amizades muito bonitas com algumas mulheres que foram aparecendo em sua vida. Sua capacidade para escutar as mulheres e entrar em diálogo profundo com elas, compreendendo-as e compreendendo a si mesmo em sua escuta, começando por Teresa de Jesus, seguindo com Ana de Jesus e as carmelitas de Beas ou Granada. Também mulheres leigas, como Juana de Pedraza e Ana de Peñalosa. Não era algo frequente em seu tempo, nem era considerado o mais perfeito, mas ele – como o próprio Jesus – soube aproximar-se e escutar o que as mulheres

também podiam trazer à sua vida, inclusive à sua própria obra. João da Cruz entra no estilo “teresiano”, fazendo seu particular noviciado nas carmelitas de Valladolid, deixando-se orientar e ensinar pela vida daquelas mulheres. Creio que essa atitude é o primeiro passo que possibilita relações diferentes entre as pessoas, entre frades e monjas. A Ordem tem um caminho a fazer, ao estilo de João da Cruz, nessa escuta mútua, na qual o carisma se revela na sinodalidade da experiência compartilhada entre monjas, frades e leigos. “Só essa reciprocidade e essa valorização das diversas sensibilidades, masculina e feminina, pode levar a um entendimento que crê em um nós possível” (Rosalba Manes, *La melodia del silenzio. La figura sorprendente di Giuseppe di Giuseppe di Nazareth*: Milão, 2021).

#### **4. Não-possessão: o Espírito, protagonista no caminho da verdade**

Na *Chama*, o santo convida os diretores a compreender que são simples mediadores entre a pessoa e o Espírito: faz um chamado a escutar sem pretender “possuir”, a ser porta-vozes e captadores de sinais mais que emissores e diretores (cf. *Chama* B 3, 46). Em poucos textos o santo se situa tão seriamente contra os que obstaculizam a ação do Espírito e fazem a si mesmos protagonistas do caminho do acompanhado. Essa atitude é uma das mais genuínas contribuições do Carmelo a esse caminho de sinodalidade que a Igreja nos propõe: nossa capacidade para escutar cada pessoa e respeitar o ritmo e o desejo do Espírito, sua ação em cada um, sem manipular, sem impor o próprio desejo.

Essas quatro pérolas são um exemplo da riqueza sinodal de João da Cruz, convidando-nos a caminhar com a Igreja em profunda comunhão, sem fechar-nos em nós mesmos, sem descuidar da casa e do jardim que Deus nos regalou (contemplação, missão e vida fraterna), à porta da cova (como Elias), ouvindo em desnudez e pobreza aquilo que o Espírito diz às Igrejas e ao Carmelo, ao mundo e a cada um de nós. É preciso não ter medo de escutar a verdade que traz consigo qualquer tipo de pobreza ou decréscimo. A Ordem tem diante de si um caminho precioso de escuta profunda nos anos que vêm. Convido todos vocês – leigos, frades, monjas – a viver este momento sob a chave da ESCUTA e da AUDÁCIA, apoiando-nos e cuidando decididamente de servir ao Senhor, com a atitude em caminho do *Magnificat* de Maria e o atrevimento amoroso do Cântico de João da Cruz. Juntos andemos!

**FELIZ FESTA DE SÃO JOÃO DA CRUZ PARA TODOS.**

**Feliz tempo de Advento!**

*J. Miguel*



P. Miguel Márquez Calle, OCD

*Superior Geral*